

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO MUSICAL EM ONGs: O PROCESSO PEDAGÓGICO MUSICAL VISTO COMO UM FATO SOCIAL TOTAL

Magali Kleber
makleber@sercomtel.com.br

RESUMO

Esta pesquisa enfoca as práticas musicais em Organizações Não Governamentais (ONGs) a partir do campo empírico constituído de ONGs: Associação Meninos do Morumbi, da cidade de São Paulo e o Projeto Villa-Lobinhos, da cidade do Rio de Janeiro, vinculado à ONG VivaRio, cujas propostas socioeducativas centralizavam a educação musical para se trabalhar com crianças e jovens moradores da periferia urbana e/ou favelas das respectivas cidades. As questões da pesquisas buscaram compreender como se configuram esses espaços de educação musical e o objeto de pesquisa insere-se no campo sociocultural da educação musical, compreendido como um fenômeno social. As práticas musicais são entendidas a partir da sua constituição sociocultural (SHEPHERD; WICKE, 1998) e o processo pedagógico-musical como um “fato social total” (MAUSS, 2003) enfatizado enquanto um fenômeno social de caráter sistêmico, estrutural e complexo e, portanto, pluridimensional. A produção de conhecimento sociomusical das ONGs foi analisada à luz do conceito de práxis cognitiva (EYERMAN; JAMISON, 1998) como fruto da dinâmica das forças sociais que abrem espaços para a produção de novas formas de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical e ONGs. Projetos Sociais, Inclusão/exclusão social; Processo pedagógico-musical.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da minha tese de doutorado¹ a qual aborda as práticas musicais em duas Organizações Não Governamentais (ONGs): Associação Meninos do Morumbi, da cidade de São Paulo, coordenada por Flávio Pimenta e o Projeto Villa-Lobinhos, da cidade do Rio de Janeiro, coordenado por Turíbio Santos. Ambos os coordenadores são músicos e educadores musicais com experiência em processos de ensino e aprendizagem, produção e performances musicais. E, ambas ONGs têm como eixo comum a educação musical. O objetivo é congregar crianças e jovens, atingidos pela desigualdade social, em situação de baixo IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – e realizar um trabalho socioeducativo voltado para o exercício da cidadania. A perspectiva da análise e interpretação desses campos empíricos parte do princípio de que a música é fruto de práticas sociais que interagem na dinâmica da diversidade cultural. A partir desse pressuposto as práticas musicais em ONGs e o processo pedagógico-musical são enfatizados enquanto contextos *mutatis mutandis*, considerando as dinâmicas inerentes a processos históricos e socioculturais.

A compreensão das práticas musicais enquanto articulações socioculturais permeadas de formas e conteúdos simbólicos se refletem no fluxo e refluxo da organização social e no modo de ser dos respectivos grupos, em que a construção de identidade individual e coletiva tem seu lastro no processo histórico rememorado e reconhecido pelos atores sociais. Trata-se, portanto, de uma construção e reconstrução das identidades sociais e culturais de grupos sociais em que a diversidade cultural implica a formação/configuração dos mesmos.

2. JUSTIFICATIVA

A opção por realizar o estudo em duas ONGs justifica-se considerando que a produção de conhecimento e a construção de asserções que emergem de dois contextos específicos oportunizaram observar aspectos significativos do mundo social inerente a cada

¹Tese de doutorado “A Prática De Educação Musical Em Ongs: Dois Estudos De Caso No Contexto Urbano Brasileiro” defendida em 2006 no Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da professora Dra. Jusamara Souza.

um desses contextos, ampliando o espectro de reflexão para subsidiar a análise e interpretação dos dados, imprimindo consistência teórico-metodológica ao presente trabalho. Destaca-se, ainda, que os aspectos da descrição e análise das ONGs selecionadas se referem ao tempo e espaço em que foi realizada a coleta de informação que data de dezembro de 2002 a dezembro de 2004. As ONGs são entendidas aqui como campos emergentes de novos perfis profissionais e atividades em que a figura do educador social desenha seus contornos. Trata-se, ainda, de um *locus* de produção de conhecimento no âmbito do Terceiro Setor. Nesse sentido, pode-se destacar os seguintes aspectos:

- são espaços que trabalham com conteúdos flexíveis, ancorados em demandas emergenciais de suas comunidades, portanto são voláteis, enquanto instituição
- as ações socioculturais podem ser constantemente redefinidas, próximas às demandas da vida prática
- são capazes de mobilização sociopolítica e, neste contexto, as práticas musicais podem redefinir fronteiras culturais e estéticas predominantes.

O Terceiro Setor² tem se apresentado como a dimensão da sociedade em que se proliferam os movimentos sociais organizados, ONGs e projetos sociais onde se observa uma significativa oferta de práticas musicais ligadas ao trabalho com jovens adolescentes em situação de exclusão ou risco social.

No Brasil, o Terceiro Setor é um fenômeno emergente nas três últimas décadas e vem se configurando mediante movimentos sociais de diversas naturezas os quais canalizam recursos, vivenciam experiências e elaboram conhecimentos. Segundo Fernandes (2002), este protagonismo dos cidadãos “determina uma nova experiência de democracia no cotidiano, um novo padrão de atuação aos governos e novas formas de parceria entre Sociedade Civil, Estado e Mercado”.

Este segmento é caracterizado como um conjunto de iniciativas privadas com fins públicos e sociais, não lucrativos, que buscam formas de enfrentamento das questões sociais vividas por uma grande parcela da sociedade privada, tanto de bens materiais como simbólicos. O termo organização não governamental ou ONG cobre uma variedade de organizações muito diferentes, que emergem dos movimentos sociais e cuja atuação transita pelas mais diversas áreas: assistência social, educação, cultura, meio-ambiente, comunicação, ciência e tecnologia, geração de renda e trabalho. O investimento na dignidade humana e o exercício da cidadania plena são objetivos primordiais expressos nas justificativas desses movimentos sociais (FERNANDES, 2002; KISIL, 1997).

As instituições públicas e privadas e os movimentos sociais estão sendo dinamizados por demandas multiculturais que resultam de articulações que configuram um novo desenho social caracterizado pela redefinição de novos papéis e espaços de ação, produzindo-se superposições, contradições e convergências. Nesse contexto, a cultura se constitui como uma espécie de “ordem normativa” interagindo com as dimensões de ordem simbólica e estratégica. Para Castells (1999), esse panorama que incorpora a internacionalização e a globalização e traz no seu bojo o reforço das identidades culturais “como um princípio básico de organização social das identidades culturais”.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As ONGs são entendidas como *locus* de produção de conhecimento cujo processo pedagógico-musical é visto como um fato social total (MAUSS, 2003). As práticas musicais são entendidas a partir da sua constituição sociocultural (SHEPHERD; WICKE, 1998) e o processo pedagógico-musical como um “fato social total” (MAUSS, 2003) enfatizado

² A denominação Terceiro Setor refere-se à Sociedade Civil Organizada e o termo faz contraponto com o Estado, considerado o Primeiro Setor e o Mercado considerado o Segundo Setor (<http://www.rits.org.br>).

enquanto um fenômeno social de caráter sistêmico, estrutural e complexo e, portanto, pluridimensional. A produção de conhecimento sociomusical das ONGs foi analisada à luz do conceito de práxis cognitiva (EYERMAN; JAMISON, 1998) como fruto da dinâmica das forças sociais que abrem espaços para a produção de novas formas de conhecimento. Assim, o processo pedagógico-musical nas ONGs foi interpretado como possibilidade de produção de novas formas de conhecimento musical nas suas diversas dimensões: institucional, histórica, sociocultural e de ensino e aprendizagem musical. O processo pedagógico-musical mostrou-se permeado pela noção de coletividade e pertencimento ligado às ONGs em questão. A análise e interpretação dos vários aspectos levantados por esse estudo apontam para a compreensão das práticas musicais enquanto articulações socioculturais de caráter eminentemente coletivo e interativo.

Ressalto, a partir desse conceito a perspectiva pluricontextual teço algumas considerações sobre o papel das ONGs como uma significativa alternativa para trabalhos socioeducativos-musicais. O contexto histórico se revela como a dimensão de reconstituição da própria identidade institucional e musical das ONGs em estudo, construída mediante os fragmentos de história de vida rememorados pelos informantes da pesquisa.

A proposta socioeducativa, para espaços como as ONGs, catalisa a necessidade de se reconhecer a que diversidade cultural traz no seu bojo diferentes formas de conhecimentos, experiências, valores e interesse humanos. Esses aspectos estão relacionados com a dinâmica sociocultural, e assim, profundamente relacionada com a própria existência humana. É significativo destacar aqui é que essa questão está ligada à construção das identidades socioculturais e a conseqüente valorização e desvalorização de grupos sociais e suas inserções nos processos políticos. Eis aqui uma questão importante para se problematizar uma vez que está ligada a um processo refinado de exclusão cultural e social: essa valoração traz no seu bojo duas faces da mesma moeda: a cultura culta instituída e valorizada e as outras culturas.

O processo pedagógico-musical entendido como um fato social total foi observado, analisado e interpretado nas ONGs selecionadas, abarcando os aspectos físico, institucional e simbólico, como possibilidade de produção de novas formas de conhecimento musical. se aprendia e se ensinava música ali. A análise incorpora assim, a interconexão de quatro dimensões denominadas nesse trabalho como Estes contextos foram denominados:

- 1) Institucional – envolvendo as dimensões burocrática, jurídica, disciplinar, morfológica, ou seja, a forma de funcionamento, o espaço físico e sua organização.
- 2) Histórico - dimensão do processo histórico da constituição das ONGs, mediante as histórias, relatos, entrevistas e conversas com participantes da pesquisa, protagonistas dessa construção material e simbólica
- 3) Sociocultural - dimensão do espaço de circulação dos valores simbólicos, dos encontros, das relações intersubjetivas e interinstitucionais, dos conflitos e das negociações
- 4) De Ensino e Aprendizagem Musical - focalizando como, onde, porque, para que se aprendia e se ensinava música ali.

O Quadro 1. abaixo busca sintetizar as conexões teóricas que construíram a asserção de se compreender as práticas musicais nas ONGs enquanto eminentemente social. A partir dessa visão, o processo pedagógico-musical é visto como um fato social total nos quatro contextos e a produção do conhecimento nas ONGs como uma práxis cognitiva dinamizada pelas dimensões do interesse, contexto e processo.



Quadro 1. Processo Pedagógico Musical como Fato Social Total.

Visto como um fato social total o processo pedagógico-musical foi interpretado, nessa pesquisa, considerando os seus aspectos pluricontextuais e multidimensionais, o que propiciou a elaboração de conexões importantes, mediante uma postura dialógica e dialética. Pode-se pensar, ainda, que nesse processo está também presente um sistema de trocas baseado em valores simbólicos e materiais ligados às práticas musicais, extrapolando-as. Possui a possibilidade de constituir redes de sociabilidade mobilizando motivações internas, consubstanciadas em ações nos diferentes contextos: institucional, histórico, sociocultural e de ensino e aprendizagem musical. Estes foram os contextos interpretados nas duas ONGs, analisados a partir de uma visão sistêmica.

De maneira geral, as ONGs são campos emergentes de novos perfis profissionais e caracterizam-se por serem organizações que trabalham com conteúdos flexíveis, ancorados em demandas emergenciais dos sujeitos e de suas comunidades. Por serem voláteis, enquanto instituição, as ações socioculturais são constantemente redefinidas, próximas às demandas da vida prática. Assim, a cultura que permeia o trabalho socioeducativo está mais próxima dos atores sociais envolvidos, o que se constitui em um fator significativo na construção das identidades individuais e coletivas.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar essa pesquisa, de abordagem qualitativa, foram utilizadas duas modalidades metodológicas: o estudo de caso e a etnometodologia. A perspectiva metodológica da pesquisa enfoca os pressupostos do estudo de caso múltiplo, argumentados pelos autores Bogdan e Biklen (1982), Merriam (1998), Yin (1994) e Stake (1995) e da etnometodologia argumentados pelos autores Heritage (1999), Coulon (1995a) e Haven (2004). O processo de construção desse estudo estruturou-se *a priori* com informações locais, trilhando-se pelos itinerários pessoais e institucionais que se configuraram no cotidiano da inserção no campo. *A posteriori*, buscou-se a organização das categorias que fundamentaram

a análise e interpretação dessas informações coletivas. A produção de conhecimento e a construção de asserções que emergiram a partir dessas duas unidades de caso oportunizaram reflexões sobre o significado das práticas musicais na construção das identidades institucionais, dos indivíduos e dos grupos participantes do estudo.

5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

As ONGs, em questão, foram se constituindo e se instituindo como espaços legitimados para se trabalhar com o ensino e aprendizagem de música, a partir de propostas focadas no caráter pedagógico-musical e, sobretudo, pelas práticas vivenciadas no cotidiano das ONGs no decorrer de seus processos históricos. As narrativas dos informantes constituíram a principal fonte de reconstituição do contexto histórico da trajetória das duas ONGs. As histórias rememoradas foram consideradas como elaborações subjetivas dos fatos vivenciados, os quais incidiram na construção da realidade e de representações sociais presentes no mundo social dos participantes da pesquisa.

Essas elaborações entrelaçaram fragmentos de histórias de vida com a história da constituição das ONGs, tecendo um pano de fundo no qual subjazem os significados que se localizam nas entrelinhas das falas, dos gestos, das escolhas, das ações, relacionadas com as práticas musicais, tudo isso revelando a lógica do raciocínio prático (COULON, 1995) dos protagonistas do processo. A seleção dos fatos e acontecimentos recortados pelos participantes da pesquisa foi considerada como uma forma de conhecer e explicar o que passou, cujos fragmentos expõem as subjetividades e idiosincrasias que contribuem para a compreensão dos significados simbólicos implícitos naquela construção de realidade.

A noção de pertencimento, de visibilidade, do resgate de questões básicas relacionadas à dignidade humana emerge como um traço que identifica os participantes da pesquisa de ambas as ONGs. A música é o eixo que congrega as demais atividades cuja característica principal é ser coletiva. O processo coletivo pode ser tratado como um paradigma nas interações sociomusicais das ONGs.

A ASSOCIAÇÃO MENINOS DO MORUMBI

A Associação Meninos do Morumbi (AMM) é uma ONG que agrega mais de 3500 crianças e jovens adolescentes da cidade de São Paulo. Criada em 1996, por Flavio Pimenta, a AMM desenvolve um trabalho musical que inclui a Banda Show (BS) constituída pelo Grupo de Percussão, pelo Grupo Vocal Feminino e pelo Grupo de Dança que sintetizam o trabalho realizado nas aulas de canto, dança e percussão do qual participam crianças e adolescentes que integram a comunidade da Associação. A Banda realiza cinco ensaios semanais, com turmas de trezentos participantes a cada ensaio. O repertório executado nos ensaios e apresentações é formado por músicas folclóricas do Brasil e da África, do universo pop, dos cultos afro-brasileiros e composições próprias.

O depoimento de Flávio Pimenta revela aspectos do contexto histórico e expõe sua motivação para iniciar um trabalho musical com aqueles jovens:

Foi uma ação informal. Eu acho que o que me levou a essa atitude foi a certeza de que a música poderia ser uma ferramenta de transformação. Hoje, olhando para aquele passado, eu imagino que eu fui fundamentado no que a música fez por mim [...] inconformado com aquele ambiente muito pobre da criança na rua... (Flávio Pimenta, 11/11/2004).

No processo de descoberta de novos caminhos, a performance musical coletiva emergiu como eixo condutor do trabalho, um grande laboratório musical, considerando a capacidade de se aprender o novo como algo interessante para todos:

...eu acho que quando eu comecei a tocar com eles, eu também transformei a aula deles num grande laboratório de percussão étnica e depois do samba, do funk e do axé, eu imediatamente comecei a apresentar para eles, outros ritmos. Eu descobri que eles não tinham limitação musical pela questão do conhecimento ou por gostar só de um gênero, que é aquela questão do grupo “ah, a gente é pagodeiro, a gente é funkeiro etc”. Não, eles gostam de tudo que “suinga” [...] eu descobri que os jovens da periferia, mesmo não conhecendo, suingando, tendo um bate pé, uma coisa que fosse atraente nesse sentido, estava valendo. Então, eu ampliei minhas pesquisas e transformei as minhas aulas com eles num grande laboratório. (Flávio Pimenta, coord. geral, 09/11/2004).

Denota-se, a partir dos depoimentos, um quadro de possibilidades de vivências cotidianas que transformam os hábitos e os valores, como revela Claudinei (um dos primeiros meninos), dizendo que ao começar a frequentar a casa de Flávio “eu peguei, gostei e comecei tocar e aí o projeto foi crescendo e aí nós começou a tocar ali na frente da quadra do Marçal, onde nós jogava...aí eu continuei, continuei...aí eu já comecei a desistir da Lagoa” (Claudinei, manutenção, 22/11/2004). Sua história revela, ainda, como o processo de recuperação existencial não foi linear, mas construído com fluxo e refluxo de fatos e situações, em que ele ia e voltava para a ONG, sendo imantado por valores e contextos contrastantes:

Cheguei a me envolver com o crime. Droga nunca usei, graças a Deus... Agora crime, eu desandei bastante: eu roubava mesmo! Roubava carro, essas coisas e levava. Aí o Flavão foi lá e graças a Deus me ajudou. Tirou eu, de novo, do buraco. Duas vezes... eu voltei prá cá...essa menina que eu falo que é minha namorada, ela que falou pro Flávio que eu estava mexendo com arma. Eu casei, o Flávio ajudou a casar, ajudou lá na igreja, na festa, sabe, em tudo assim. Nós fizemos o maior festão, foi legal. Aí ele é padrinho da minha filha também e meu patrão e meu pai também (Claudinei, 22/11/2004).

Os múltiplos fatores que compõem a história de Claudinei, fragmentos que se tecem com a própria história da constituição da Associação, revelam a complexidade de um processo que, embora tenha a prática musical como eixo de sua ação socioeducativa, tem que buscar nas áreas de conhecimento que fazem interfaces com a natureza desse trabalho, suportes consistentes para desenvolvê-lo. Claudinei destaca de sua memória, um fragmento de sua história de vida que aponta para suas necessidades afetivas e emocionais que emergiram em primeiro plano, naquele momento, e desvela como o afeto foi incorporado como uma estratégia pedagógica que, associado a outras ações, devolveu-lhe a dignidade e contribuiu para reconstruir sua identidade individual e coletiva. Mostra, ainda, o refinamento e sutileza de seus sentimentos, sua condição de reconhecer e entender sua história e as pessoas que lhe ajudaram, potencializando sua capacidade de desenvolver valores éticos, desejos e necessidades onde não se dependeu exclusivamente de sua força interior e do auto-esforço, mas também, do coletivo, das relações face a face, dos encontros com o outro e com os outros.

A ONG se apresenta, mediante as falas dos primeiros meninos, como um espaço “interessante” e “bom de ficar”, uma alternativa ao espaço da rua – com seus riscos como eles próprios reconhecem – o que interferiu e determinou uma outra possibilidade de encontros e atividades. Mas conhecer a vivência singular em um contexto complexo como o de uma ONG, requer um refinamento na capacidade de observar para contemplar aspectos que extrapolam as análises macrossociais. Requer, antes, uma perspectiva em que os entrevistados sejam considerados nas dimensões “subjetivo-valorativa, ético-estética, além do econômico-política” (SAWAIA, 2003, p. 56). Emergem, nos depoimentos dos Meninos da Banda, aspectos que indicam que a música e as relações sociais, as possibilidades de aprender coisas foram se tornando a força motivadora, o elemento que envolve, que faz a diferença na entrada e permanência na ONG.

...porque eu entrei, mas não teve esse campeonato de futebol e então aí eu continuei. Fiquei e comecei a pegar amizade com todo mundo e tal, mas não ligava muito pro projeto. Aí com o tempo fui me apaixonando pela música, pelo projeto e aí fui seguindo, fui aprendendo, fui fazendo tudo que aparecia....(Pavilhão, 23/11/2004).

Ao narrar esse momento da história da Associação, Flávio faz uma análise de pontos que foram determinantes na condução do trabalho e, sobretudo, na constituição da identidade da ONG colada às práticas musicais. O discurso sobre a construção do pertencimento no processo de integração dos participantes da AMM é muito forte. Quando se refere à AMM, esse parâmetro fica explícito, inclusive pelas situações que a entidade enfrentou:

Aqui com os Meninos do Morumbi, eu comecei a notar que os jovens desenvolviam um pertencimento muito parecido com a escola de samba; porque quando nós começamos, a gente tocava na rua, e aquelas ações dos moradores que hostilizavam a gente, foram fazendo com que a gente ficasse mais unido e cristalizássemos a idéia de um pertencimento, de um grupo. Então, aparecia a polícia e eu assinava o papelzinho, o B.O., eles todos ficavam solidários comigo e formavam aquele espírito de grupo. Como quem já dizia desde o início: “Pô Flavão, esses caras não respeitam a gente, nós...”, o “nós” que eles falavam, era um “nós” de uma comunidade (Flávio Pimenta, coord. geral, 09-11-2004).

No caso da AMM, o que marca é que a construção se processa mediante uma iniciativa informal de Flávio Pimenta que vem potencializada pela condição dos jovens desassistidos dos cuidados sociais básicos e que encontraram um rebatimento dessas necessidades ao se agregarem em torno de alguém que pode lhes oferecer algo tão prazeroso quanto se banhar nas lagoas da rua: aprender música juntos. E é nesse processo, conduzido pela prática musical, que as identidades pessoais, coletiva e institucional foram se configurando, se constituindo nessa existência, a história da Associação Meninos do Morumbi.

O PROJETO VILLA-LOBINHOS

O Projeto Villa-Lobinhos (PVL) foi institucionalizado em 2000, ligado à ONG Viva Rio, no Rio de Janeiro. Tem o objetivo central de promover a educação musical para jovens entre 12 a 20 anos, oriundos de comunidades pobres região metropolitana do Rio de Janeiro. Os jovens participam de aulas de percepção musical, prática instrumental, prática de conjunto e informática, durante três anos. São três turmas de nove jovens, selecionados a partir de um encontro anual com jovens instrumentistas oriundos de diferentes projetos sociais da região metropolitana do Rio de Janeiro. Recebem, ainda, apoio pedagógico para aulas da escola regular. A idéia é que, com tal formação, o jovem possa seguir, caso queira, a carreira profissional de músico. Todos os participantes do Projeto e ex-alunos participam da Orquestra Villa Lobinhos somando aproximadamente quarenta participantes.

O Projeto Villa Lobinhos tem uma trajetória histórica marcada por uma gênese muito anterior à instituição formal, desencadeada pelos movimentos populares do Morro Dona Marta, zona sul do Rio de Janeiro. Sua natureza comunitária amalgamada com a idéia de realizar um trabalho musical profícuo e permanente é fruto de um processo histórico que teve início bem antes do ano 2000, com uma solicitação de pessoas moradoras do Morro Dona Marta em 1986 como relata Turíbio:

Assim que eu assumi o Museu Villa Lobos, em 86...eu vi, imediatamente, que no bairro tinha uma questão social, que era essa favela aqui, o [Morro] Dona Marta. Então, por isso que vem desta época e foram duas pontes construídas assim que eu comecei a dirigir o Museu... uma foi essa e a outra foram os mini concertos didáticos, que também é muito forte, porque traz as

crianças [das escolas] para o Museu, faz um elenco de jovens músicos. (Turíbio Santos, entrevista em 02/06/2004).

Dois vertentes ficam evidentes nos depoimentos dos alunos: a aprendizagem musical já estava presente na vida dos alunos antes de participarem do PVL, determinada pelo contexto social no qual os jovens se inserem, quer seja em projetos sociais, cursos em igrejas ou centros culturais; e, os Encontros de Jovens Instrumentistas realizados em janeiro se constituem em um significativo referencial na trajetória do aprendizado musical e na escolha de se estudar música. Todos os alunos entrevistados citaram o Encontro como um marco importante na sua história de vida, relacionando o Projeto como uma especial oportunidade para o seu desenvolvimento musical.

O PVL ao tecer redes de sociabilidade com diferentes contextos, revela os processos de construção de identidades e de significações do PVL na vida dos entrevistados. O depoimento de Marquinhos Silva exemplifica significado da música em sua vida, na construção de sua identidade, incidindo em questões relativas à sua condição étnica – ser negro – e morar em favela:

...E aí minha música me possibilitou isso tudo que eu tenho na vida agora [...] e “sem a música a vida seria um erro”, esse é o meu lema, eu falo sempre comigo [...] enfrentar as coisas com mente limpa. Essas discriminações que a maioria das pessoas têm, enfrentar. E sempre vai ter obstáculos na vida e sempre enfrentar com cara limpa, mente limpa [...] quando vou dormir sempre penso e reflito no que eu poderia ter passado sem a música (Marcos da Silva, aluno formando 2004, 31-05-2004).

São muitas as histórias que revelam uma multiplicidade de experiências e contextos em que o PVL adquire um significado para além do ensino e aprendizagem musical, em que permeiam representações sociais como a família, a amizade, o lazer e a profissão. São referências que contribuem para a construção da identidade desses jovens. O caráter interativo dos circuitos que os integrantes do PVL frequentam, estilos de lazer, podem ser considerados importantes na condução de suas experiências de formação. No caso do PVL, percebe-se esse caráter interativo em que a música torna-se o eixo aglutinador. Os jovens do PVL circulam nas diferentes atividades e espaços derivados do Projeto: apresentações (tocando diferentes gêneros musicais), atividades filantrópicas (em escolas, asilos), merchandising (nos espaços em que os patrocinadores e apoiadores solicitam), festas e shows, entre outras modalidades.

Processos individuais emergem nos depoimentos amalgamando a história do PVL, Rodrigo, coordenador pedagógico, relata fatos que revela como a gênese desse processo tem uma ligação afetiva e histórica com sua vida e foi um movimento que dinamizou uma geração de jovens que se encaminharam para música. Marquinhos, um dos alunos, morador da Favela Dona Marta, conta que antes de iniciar seu aprendizado musical na creche, não era muito ligado com a música “eu não tinha nenhuma música que eu gostasse... eu não sabia o que era música, eu não gostava de nada; o que eu ouvia mesmo era aqueles funk mesmo, que os vizinhos botava alto e aí eu ouvia só isso”. Conta que “foi ampliando seu universo e fui vendo o que era música; eu via que música não era só funk; era MPB, rock pop, várias coisas, popular, samba, várias coisas... a música é um mundo muito diferente... diferente daquela do vizinho”. O seu depoimento mostra como a rede de sociabilidade de moradia contribuiu para a construção de seus referenciais estético-musicais, entre outros e, também, como as ações dos projetos sociais substituíram os cuidados maternos e sociais que garantiram a sua sobrevivência.

...desde quando era criança... minha mãe e eu... não passava fome, mas a gente ficava na rua. Aí minha mãe pedia comida prá outras pessoas lá, prá tentar dar comida prá mim e ela sempre arranjava e aí nisso fui crescendo... Minha mãe morreu quando eu tinha três anos, aí fiquei com minha vó [que] me botou em vários lugares. Aí, na creche, no lugar onde o Rodrigo me conheceu...eu era tipo... não jogado...como eu vou dizer isso...eu não tinha uma coisa prá mim,

era vago, eu tinha tudo vago. Eu ficava andando lá na quadra, no Morro. E aí com a música, eu fui me ocupando, comecei me ocupar, me ocupar, me ocupar e aí fui vendo que com a música, era totalmente diferente de como eu vivia antes; o sentimento da música te deixa...senti a música! não sei, é um caso... não sei como te dizer isso, só sei que mudou muito, muito, muito, muito... (Marcos da Silva, aluno formando 2004, 29/05/2003).

As lembranças de sua família são marcadas por um quadro em que sobressai a desagregação e a violência do ambiente vulnerável em que vivia. Sua irmã e prima envolveram-se com o tráfico de drogas e aos oito anos de idade, Marquinhos vivenciou o assassinato de seu irmão por ter se envolvido com o mundo das drogas e do crime. A proximidade com o mundo do crime, associada ao fascínio que o poder inerente existente no entorno do seu contexto potencializa a escolha por essa alternativa de vida. Esse relato revela que outras variáveis, além de pobreza e do abandono, levam os jovens, em situação de vulnerabilidade social, a optarem pelo mundo do crime.

Sobre seu contato com a música, antes de ingressar no PVL, Marquinhos faz um relato costurando fragmentos de sua história de vida. Aprender música, sentir-se membro de uma comunidade foi muito significativo para mudar a direção de sua vida, aparece como um divisor de águas. A presença de Rodrigo, coordenador do Projeto, nesse processo é, novamente, destacada por ele:

Prá mim o que significou muito o projeto prá mim, foi mudar de uma vida que eu vinha de antes, uma vida não muito boa prá... (*longo trecho de silêncio, como se mergulhasse em suas memórias*)... o que a música é prá mim...o Rodrigo viu alguma coisa em mim, viu que eu daria prá música e ele veio e me indicou. Aí começou me encaminhar, fazendo o meu futuro...(Marcos da Silva, aluno formando 2004, 29/05/2003).

Esse exemplo pode refletir o lugar que toma um trabalho dessa natureza na vida dos jovens adolescentes desprovidos de cuidados sociais. Revela que vidas que podem ter uma mudança positiva, uma transformação concreta nas suas trajetórias, tendo a música como fator determinante. Não há que ser algo absolutamente predeterminado no futuro dos jovens garotos que moram na favela e em bairros pobres da periferia urbana. Eles próprios reconhecem que pode haver alternativas para se encontrar outros caminhos e jeitos de viver e expressam uma rejeição a essa visão radical.

6. CONSIDERACOES FINAIS

O processo histórico contemporâneo tem matizado a necessidade de se colocar em pauta a temática da diversidade, da formação/configuração de grupos sociais que são compostos por categorias como gênero, geração, raça/etnia, território e classe, além de suas estratégias de relação com o Estado e com os grupos dominantes. Ao enveredar por pesquisas interdisciplinares é possível vislumbrar matizes da cultura e a política, identidade e representações que a sociedade brasileira articula sobre o exercício da cidadania. Pensar a visibilidade e a vulnerabilidade desses agentes sociais podem fornecer ao pesquisador novas abordagens e fontes documentais para estudar as relações de poder, dominação e resistência simbólica. Neste sentido, a análise contextual e a perspectiva interdisciplinar reportam-se às múltiplas expressões acerca da construção/ reconstrução de processos identitários e culturais no campo artístico, ético e político em que o cotidiano e o senso comum são elementos essenciais.

Dessa forma, a dinâmica na estrutura da comunicação entre as ONGs e os projetos sociais, invocando a figura da rede, foi um componente importante na análise do relacionamento entre as organizações sociais. A invocação do conceito de rede mostrou-se significativo na estruturação das ONGs, enquanto categoria institucional, de caráter

fortemente interdisciplinar, ancorado nas perspectivas filiadas às várias correntes do chamado pensamento sistêmico. Mesmo com essas características próprias, a configuração da comunicação e troca que prevalece nos dois contextos urbanos é horizontal e otimizada pela Internet. Isso forma uma sinergia intrínseca e extrínseca às ONGs envolvendo os agentes educativos - músicos, professores, monitores - comunidade, instituições públicas e privadas.

A proximidade física das favelas com o asfalto, associações, artistas, diferentes classes sociais imprimi uma especificidade relacionada ao seu aspecto urbano. O relacionamento inter-pessoal e inter-institucional apresentou-se de forma característica em cada um dos contextos urbanos. Parece ser mais evidente que no Rio de Janeiro as interações são mais acentuadas pelas relações pessoais, mesmo quando se trata de instituições. A proximidade geográfica entre “morro e asfalto”, as associações de caráter civil, a participação dos artistas na ONGs imprimem uma especificidade nas relações. São Paulo apresentou, no contexto dessa pesquisa, dinâmicas de interações sociais com um caráter mais institucional, com encontros mais formais, em que as pessoas estão mais investidas de sua identidade institucional e, muitas vezes, não possuem uma ligação pessoal. Pode-se inferir que se trata de um reflexo da configuração urbana de cada cidade que resulta em aspectos gregários diferentes e práticas musicais, também, diferentes.

O significado de pertencer a um grupo social – A Associação Meninos do Morumbi e Projeto Villa Lobinhos – enquanto um grupo que realiza um trabalho musical, que aprende música, que tem visibilidade e é reconhecido por sua capacidade de fazer, dar e receber imprime uma identidade que traz um significativo diferencial na forma dos participantes da pesquisa se reconhecerem enquanto cidadãos. Os depoimentos revelam que é mediante os fatos sociais que se refletem as significações e a produção do conhecimento e do auto-conhecimento. O pertencer – estar incluído – faz contraponto com o “não pertencer”, estar excluído. Nesse sentido, os participantes ressaltam em seus relatos que pertencer à ONG proporciona a eles uma visibilidade através das atividades formadoras e prazerosas relacionadas com a prática musical. Isso apresenta-se como uma possibilidade de canalizar uma energia própria do jovem e permitir, ainda, que seja protagonista.

Os cuidados sociais permeando os processos de aprendizagem musical emergem em vários níveis de percepção pessoal. Aspectos como o estigma da cor da pele, do lugar onde moram, da origem pobre, emergem dos depoimentos colados nas identidades dos alunos. A noção de identidade dos participantes da pesquisa, que expressam ter vivido situações de sofrimento relacionadas a qualquer tipo de estigma fica intensificada pela vivência proporcionada pelas práticas musicais oferecidas nas ONGs. Tal vivência apresenta-se como um fator muito significativo para a reconstrução de novas noções de valores pessoais e sociais.

Não obstante os projetos sociais terem conseguido resultados positivos promovendo acesso a atividades culturais, esportivas e de lazer ao jovem morador de comunidades pobres, possibilitando alternativas, há que se ter uma perspectiva crítica para uma análise dos processos decorrentes das ações políticas para se pensar em encaminhamentos que resultem, de fato, a inclusão social sem ter no seu reverso a estigmatização tácita. Traz-se à tona a deficiência das políticas públicas urbanas dominantes que acentuam a segregação territorial e social, uma vez que as áreas habitadas pela população mais pobre estão desparelhadas de espaços para a cultura e o lazer, levando os jovens, por falta de opção, ao ócio desagregador, portas abertas para a cooptação para o submundo do crime. As ações da sociedade civil, inclusive a otimização das organizações sociais em rede, muitas vezes, mostram-se insuficientes para dar conta de um contexto marcado por uma extrema desigualdade social e o nível, quase insustentável, de vulnerabilidade que deixa parte da juventude brasileira, indivíduos ainda em formação, exposta a sua própria sorte, quando deveriam ser atendidos pela rede de proteção das políticas públicas.

A análise dessa questão está relacionada ao conceito do “sofrimento ético-político” desenvolvido por Sawaia (2003, p. 54-63). A autora aborda o processo de exclusão social questionando os conceitos de inclusão social e educação inclusiva circulados na mídia, nas ciências sociais e na educação. Sawaia adota a afetividade como categoria analítica e ferramenta de ação socioeducativa para ampliar a análise da dialética inclusão/exclusão. Considerar emoções e sentimentos que afetam o corpo e a alma nas situações de vulnerabilidade social é contemplar aspectos que escapam às análises econômicas e políticas da exclusão e às avaliações da eficácia dos projetos inclusivos. Inclui-se aqui que o processo de exclusão/inclusão é considerado na sua dimensão subjetivo-valorativa, ético-estético, além de econômico-política (SAWAIA, 2003). Esse processo está intimamente ligado à invisibilidade social dos moradores das favelas e periferia urbana.

Ao se pensar num caminho para minimização do processo de exclusão social e da erradicação da miséria, principalmente a miséria da dignidade humana que abarca as diferentes dimensões de uma existência, não se pode pensar em políticas sociais compensatórias, mas em ações onde o lucro seja, de fato, social, incorporando um potencial produtivo não aproveitado, represado nos contextos em que os valores culturais e simbólicos são, *a priori*, desvalorizados. O pano de fundo que determina tal situação, especialmente na periferia e favelas localizadas nos centros urbanos, está imbricado com a questão da desigualdade social que impõe à juventude sua exposição desprotegida ao mundo do crime organizado, focos de conflitos violentos nos territórios de pobreza. Cabe aqui questionar a equação entre a discriminação, a exclusão social, a violência urbana, o estigma permeando as comunidades carentes dos moradores dos morros e favelas reforçado pelo discurso da mídia e negado e re-negado pelos moradores desses espaços urbanos, inclusive nos depoimentos coletados nas entrevistas. Qual é o papel dos projetos sociais e da cultura, especialmente da música, nesses contextos?

Todas essas questões podem ser entendidas como formas que geram conhecimento a partir de outros significados, incorporando a problematização de questões aparentemente adjacentes ao processo de ensino e aprendizagem de qualquer área. Mas, são profundamente imbricadas nos encaminhamentos e decisões. Exigem reflexão, análise e comprometimento, pois são tais fatores que têm a possibilidade de enredar novos espaços físicos e socioculturais, performances na vida cotidiana, conectando aspectos cognitivo, social e político com a perspectiva de uma transformação social, sem maquiagem. A dinâmica na estrutura da comunicação entre as ONGs e os projetos sociais invoca a figura da rede como um componente importante na análise do relacionamento entre as organizações sociais. As performances dos grupos musicais das duas organizações selecionadas são entendidas aqui como fruto do processo pedagógico-musical. Constituem o repertório que eles tocam e gostam de tocar, construídos ao longo do trabalho realizado nos diferentes espaços como: sala de aula, ensaios, apresentações, jogos musicais.

Pode-se constatar que as ONGs construíram suas propostas a partir de suas ações com os grupos sociais e apresentaram-se como espaços que agregam o paradigma da instabilidade em sua ordem institucional no cotidiano. Portanto ao incorporar a imprevisibilidade, se constituem como espaços em que não há lugar para contextos homogêneos, pré-estabelecidos. Todas essas questões se amálgamam no processo pedagógico-musical, visto de forma sistêmica, no qual a produção de conhecimento leva em conta as pessoas e suas relações com os objetos do mundo e inúmeras possibilidades de conexões educacionais, políticas e éticas, podem resultar em uma sinergia positiva que incida na camada mais pobre da sociedade.

O que a análise desse estudo revela é que as práticas musicais nas ONGs se mostram como um fator potencialmente favorável para a transformação social dos grupos e indivíduos, principalmente se considerarmos os padrões socioculturais nas práticas musicais presentes no

cotidiano dos alunos. Poder contar com seus valores musicais no processo pedagógico-musical parece ser um ponto significativo para um trabalho de ampliação do status de “ser músico” ou de participar de um grupo musical.

O contexto urbano tem se revelado como um mosaico de sobreposições de identidades individuais e coletivas aonde os movimentos sociais vêm tomando um significativo fator que alavanca processos que incidem na formação e transformação de fronteiras estético-musicais, éticas e políticas. A presente pesquisa buscou contribuir para a reflexão e a prática sobre papel da educação musical no processo politizado dos movimentos e projetos sociais em ONGs aonde a desigualdade e seus desdobramentos possam ser minimizados e a dignidade humana prevaleça na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Qualitative research for education: an introduction to theory and methods*. Boston: Allyn and Bacon, 1982.
- BLACKING, John. Music, culture and experience. In: BLACKING, John. *Music, culture and experience: selected papers of John Blacking*. Chicago: University Of Chicago Press, 1995. p. 323-342.
- CASTELLS, Manuel. *Globalización, identidad y estado en América Latina*. 1999. Disponível em: <<http://www.gobernabilidad.cl/documentos/globalizacion.doc>>.
<<http://www.iadb.org/etica/sp4321/DocHit.cfm?DocIndex=980>>. Acesso em: 3 nov. 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes do Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 11.
- COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- EYERMAN, Ron; JAMISON, Andrew. *Music and social movements: mobilizing traditions in twentieth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- FERNANDES, Rubem Cesar. O que é o terceiro setor. Disponível em: <<http://www.rits.org.br/idac.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2002. KISIL, Marcos. Organização social e desenvolvimento sustentável: projetos de base comunitária. In: IOSCHPE, Evelyn (Org.). *3º Setor: desenvolvimento nacional sustentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 131-156.
- FERNANDES, Rubem Cesar. O que é o terceiro setor. Disponível em: <<http://www.rits.org.br/idac.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2002
- HAVEN, Paul ten. *Understanding qualitative research and Ethn methodology*. London: Sage Publications, 2004.
- HERITAGE, John C. Etnometodologia. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). *Teoria social hoje*. Trad. por Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da UNESP, 1999. p. 321-393.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MERRIAM, Sharan B. *Qualitative research and case study applications in education*. 2nd ed. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.
- OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- SAWAIA, Bader B. Fome de Felicidade e Liberdade. In: SAWAIA, Bader B. et al. *Muitos Lugares para aprender*. Sao Paulo: CENPEC, 2003. p. 54-63.
- SHEPHERD, John; WICKE Peter. *Music and cultural theory*. Malden: Polity Press, 1997.

SMALL, Christopher. *Musicking*: a ritual in social space. Cielo, Texas, Apr. 1995. Disponível em: <<http://www.musikids.org/musicking.html>>. Acesso em: 24 jan. 2006.